

No Quiero Dejar de Ser Mala

Laura Fraiz-Grijalba

No Quiero Dejar de Ser Mala

Trabalho de conclusão do curso
de Graduação em Artes Plásticas
da Universidade de Brasília,
como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel,
sob orientação da professora doutora
María del Rosario Tatiana Fernández Méndez

Brasília
1/2019

Sumário

Introdução | p. 7

Parte 1

Por muito tempo fui tudo que pude | p. 11

Parte 2

Agora sou tudo que quero | p. 39

Conclusão | p. 65

Referências | p. 71

Lista de imagens | p. 73



Figura 1

Introdução

Escrevo e apago essa introdução maldita há mais de um mês. É impossível elaborar mais de um parágrafo sem me sentir uma impostora. As palavras saem falsas demais até para os meus parâmetros, exigindo de mim um sangue frio que nunca tive. Meu sangue é fogo e labareda, que me queima por dentro quanto mais tento apaziguar sua efervescência.

Não combina com esse trabalho uma introdução asséptica, separada do corpo, vinda de um outro lugar, distante; que olha para o que foi feito como se estivesse pronto, embrulhado para presente, esperando apenas o cartãozinho escrito *De: Laura, Para: você.*

Insistir nesse caminho seria trair a mim mesma e isso eu não tolero mais. Uma vilã faz o que quer: aceitem. Iniciei esse processo com a vontade de investigar a construção do arquétipo estético da vilã de telenovela, quais os discursos que giram em torno desse arquétipo e como ricocheteiam no imaginário.

Ingenuamente, achei que voltaria trazendo respostas.

Mas investigar é lançar-se em território desconhecido e adentrar a floresta das narrativas é se perder, enredar-se nas próprias tramas e intenções. Me encontrei subitamente amarrada, em um escuro sem contornos. Para desatar os nós e continuar a travessia, escutei com atenção as vozes que me guiaram por um novo caminho, diferente daquele que havia planejado inicialmente.

O trabalho está dividido em duas partes: *Por muito tempo fui tudo que pude* é o início da jornada. Adentro a floresta, ainda carregando comigo uma pletera de símbolos que ajudam a iluminar o caminho. Apresento a vilã de telenovela, seus clichês e elementos estéticos. Traço um paralelo entre a justaposição de narrativas e as justaposições de imagem e som que aparecem em vídeo. Por fim, exponho meus devaneios para falar sobre as fronteiras borradas entre realidade e ficção.

Agora sou tudo o que quero é a feitura do novo caminho. Tateando um lugar estranho, já não carrego os amuletos com os que entrei, mas coleteo outros, inventados, no decorrer da travessia. Lanço um feitiço-vingança contra os que perpetuam as tramas que demonizam a vilã. Reflito sobre sua relação com o espelho e encaro de volta aqueles que me vigiam, reiterando sem medo a decisão de nunca deixar de ser má.

No *Quiero Dejar de Ser Mala* é um apanhado do que encontrei e trouxe comigo dessa jornada vilanesca.

*Por muito tempo
fui tudo que pude...*

Nem sempre tive o desejo de ser má. Quando era criança aspirava ser a queridinha; doce, dengosa e obediente. Enquanto os adultos me adoravam, no universo tóxico das meninas sempre fui maltratada por personalidades dominantes ao ponto de ter que ser afastada de algumas amigas que me humilhavam. Durante a adolescência, estava imersa em um ambiente de competição feminina, fofocas, intrigas e barracos, nos quais eu era frequentemente acusada de falsidade. Não conseguia ser combativa, me resignava a chorar e pedir desculpas, mesmo quando não havia feito nada de errado.

Não lembro bem qual foi o propulsor para o salto que eu dei, mas de repente, não me dispus mais a ser boazinha. Depois de ouvir repetidas vezes que era falsa, não só passei a acreditar, como também a agir como tal. Assumi pra mim mesma que sempre fui interesseira, porque meu desejo em ser a queridinha nada mais era do que uma estratégia para ser recompensada pelo mundo adulto, o que me rendia alguns privilégios.

Nesse momento de sinceridade íntima, fiz a promessa de que nunca voltaria atrás. Hoje tenho a cristalina certeza de que nasci para ser uma grande vilã.



Figura 2

Tenho uma família novelesca, cheia de clichês melodramáticos e histórias que parecem ter saído de *Cem Anos de Solidão*: traições, mentiras, paixões fulminantes, destinos trágicos e alguns mistérios. Para além disso, meu *abuelo* trabalha há mais de quarenta anos na *Venevisión*, a principal emissora de televisão aberta da Venezuela. Como todo canal de TV latino americano, a maior parte da produção é dedicada às telenovelas e meu avô coordena tudo o que diz respeito a essas produções.

Viajar para Venezuela era experienciar realidades paralelas coexistindo e muitas vezes, colidindo. O deslocamento por si já me fazia sentir em um filme, ao mesmo tempo atuando (vivendo) e filmando (criando memórias intencionalmente).

O encontro familiar desencadeava processos emocionais muito densos. Nesses processos entendi o que é trauma, não por ser sentir na pele, mas por ver o trauma dos outros se manifestando das formas mais melodramáticas. Meu avô trocou minha avó por uma mulher mais nova, Alejandra. Apesar da manipulação da minha *abuela*, minha mãe me ensinou que eu não tinha que odiar Alejandra. Desde os quatro anos eu estava ciente de toda uma estrutura social complexa, atuando nela conscientemente. Lembro de ficar desconfiada e atenta perto de Alejandra.

Era um pedaço do mundo adulto que foi excepcionalmente aberto para mim, o que me fez sentir especial -- queridinha. Conviver com a obsessão da minha *abuela* com traição e com a Outra, inseriu em mim um fascínio com esse tema.

Concomitantemente, quando ia para casa do *abuelo*, ele me levava para visitar seu trabalho. Passava um dia inteiro entrando nos camarins e conhecendo as atrizes, visitando sets e assistindo a cenas serem gravadas. Os enredos ficcionais que eu via ali eram muito semelhantes ao que se desenrolavam na minha casa.

Foi assim, experienciando a justaposição de realidades, que senti-confiei-entendi que as narrativas podem ser fabricadas; que fantasias não são filmes presos na nossa cabeça mas sim lugares nos quais passeamos, tão reais quanto esse.

Afinal, nem vi as novelas que assisti sendo feitas, porque criava a minha, muito mais interessante.

Noite após noite, sofrem desenfreados acessos de loucura. Causam as mais terríveis desgraças, são donas de mentes macabras, capazes de bagunçar tudo. São as personagens mais obscuras e ainda assim, ganham o carinho do público. São mulheres as quais lhes dá igual destroçar sonhos, relações e corações. Que não conhecem limites nem regras. Elas só se preocupam em destruir a protagonista. Não temem a nada, dizem o que querem quando tem vontade. Não se importam em ter que desfazer-se de um ou mais inconvenientes no caminho. Jamais se detém a pensar em consequências. E se alguém as irrita, simplesmente borram do mapa. Só lhes importa seguir sendo lindas e poderosas, as que roubam todos os olhares. Mas ao mesmo tempo, podem ser engraçadas, irresistíveis, simpáticas e impiedosas. As únicas culpáveis por tanta tragédia que acontece com a protagonista.

As melhores malvadas, as mais lembradas, as mais perigosas, as favoritas do público, as rainhas da audiência, as que não conhecem a piedade: nossas implacáveis vilãs.

Encontrei um vídeo celebrando os 50 anos de *Venevisión* no qual fizeram uma retrospectiva das maiores vilãs que já passaram pelo canal, utilizando recortes de cenas de novelas intercalados com uma narração dramática na voz de um homem, que apresenta as principais características dessas personagens e sua relevância no enredo das novelas. Imediatamente soube que queria utilizar essa narração no primeiro vídeo.

Mantenha seus amigos perto, e seus inimigos mais perto ainda. Inspirada por filosofias vilanescas, decidi que era necessário começar com uma linguagem comum, facilmente identificável e histrionicamente televisiva, para gradualmente inserir novas camadas ao longo dos quatro vídeos que compõe a série. Mas como desobedecer as narrativas sem cair em armadilhas e acabar por reforçá-las?

Aquilo que existe nunca deixa de existir, mas se transforma. Me resta manipular e compor com o que há. A justaposição é o processo de juntar duas coisas para formar uma outra, criar sentidos. Em vídeo, existem dois elementos principais: imagem e som, a edição é o trabalho de articular esses elementos. Justapor. Sempre me interessei por esse recurso, movida pelo desejo de apropriar vídeos existentes, retirando-os de seu contexto original para inseri-los, ironicamente, em outro.

Para o primeiro vídeo, já tinha uma das peças do jogo, o som. Mas faltava sua complementar; assim, postei no *Instagram* uma enquete pedindo para que meus seguidores falassem quais símbolos vinham à mente quando pensavam em vilãs. Para além de uma busca imagética, era importante obter a visão de quem estava do outro lado, o telespectador. Queria ver se os estereótipos correspondiam aos que eram apresentados nas novelas. Essas foram algumas das respostas:



arthurnmzs respondeu à sua figurinha de pergunta: "adagas em geral" 7 h



abajurr respondeu à sua figurinha de pergunta: "olhar cortante" 18 h



emilypoli respondeu à sua figurinha de pergunta: "Unhas vermelhas enoooomes" 19 h



gabrielamutti respondeu à sua figurinha de pergunta: "COBRAS GARRAS VENENO OLHAR RISADA LOUCURA KKKKK FACASSSS NAVALHAS" 24 h



pedrolevorin respondeu à sua figurinha de pergunta: "qualquer ferramenta de defesa pessoal escondida constantemente na roupa/corp" 23 h



maricasarisi respondeu à sua figurinha de pergunta: "Discurso elaborado com palavras elegantes" 7 h



engelmalu respondeu à sua figurinha de pergunta: "Risada fatal" 1 d



geonarcizo respondeu à sua figurinha de pergunta: "Prazer com a maldade" 20 h



gatadocerrado respondeu à sua figurinha de pergunta: "Luxo e riqueza" 22 h



hugoarochar respondeu à sua figurinha de pergunta: "Veneno riqueza frieza joias caríssimas método garras/unhas de garota aurea sinistra" 18 h



fumarnachuva respondeu à sua figurinha de pergunta: "Escadas, cores fortes, make e cabelo impecavel, plot twists, sorrisos inoportunos, libido doida.." 20 h



dibem_ respondeu à sua figurinha de pergunta: "Dissimulação" 1 d

Figura 3: Montagem com respostas obtidas no Instagram.

Passei a fazer desenhos tendo como referência o acervo de imagens que coletei, contaminada pelo tema de pesquisa e pelas respostas dos meus fãs. Na edição, comecei a corresponder cada desenho a uma frase, com a intenção de seguir uma lógica televisiva e bombardear as imagens no ritmo da narração caricata, para captar a atenção. Quero que entrem atentos. No entanto, as justaposições desse primeiro vídeo não pretendem causar estranhamento demais. Quero que se encaixem, que os símbolos sejam de fácil assimilação, pelo menos por agora.

Só assim cairão nas minhas armadilhas, como cordeirinhos ingênuos que não percebem o perigo que se aproxima.



Figura 4



Figura 5

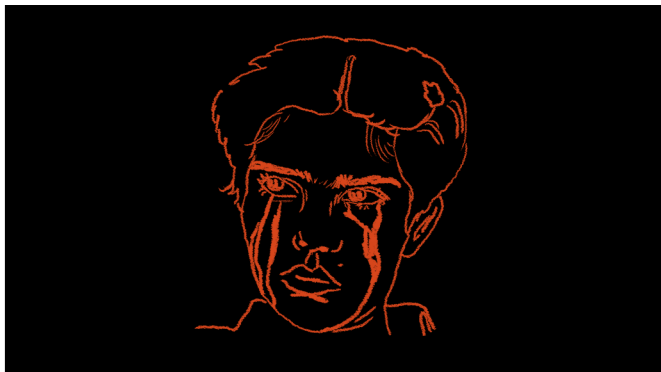


Figura 6



Figura 7



Figura 8

Según tu punto de vista
Yo soy la mala
Vampiresa en tu novela
La gran tirana
Cada cual en este mundo
Cuenta el cuento a su manera
Y lo hace ver de otro modo
En la mente de cualquiera
Desencadenas en mi
Venenosos comentarios
Después de hacerme sufrir
El peor de los calvarios
Según tu punto de vista
Yo soy la mala
La que te llevo hasta el alma
La gran tirana
Para mí es indiferente
Lo que sigas comentando
Si dice la misma gente
Que el día en que te deje
Fui yo quien salio ganando
Que el día en que te deje
Fui yo quien salio ganando

As cenas que mais adoro em telenovelas são as que nos dão acesso aos pensamentos íntimos da vilã. Sentada em frente ao espelho, ela penteia o cabelo com raiva, o olhar possuído em transe, enquanto repassa seus planos maquiavélicos.



Figuras 9 e 10: Catalina Creel na novela *Cuna de Lobos* (1986)

Tenho frequentes devaneios de vilã. Alguns ambientes são mais propícios para desencadear esses devaneios, em especial o transporte público. Tudo começa com o sol batendo no meu rosto pela janela do ônibus: um holofote. Imediatamente sinto que estou em um filme e que preciso atuar. A partir daí todo o enredo toma forma, às vezes seleciono uma vítima para seduzir, um espectador. O olhar do outro guia meus passos, as câmeras estão me filmando, não posso sair da personagem. Cerro meus olhos imaginando minha vingança, jogo o cabelo pro lado e dou um sorrisinho do mal.

Penso que os reles mortais que me acompanham no trajeto W3 norte-sul deveriam prestar atenção em mim, memorizar meu rosto, pois logo mais serei famosíssima. Aproveitem enquanto ainda estou aqui, entre vocês. Um dia escreverão sobre minha trajetória. Essa é uma das minhas fantasias favoritas, mas também penso muito na minha morte: um velório cheio de gente, todas chorando e lembrando histórias divertidas, celebrando minha existência polêmica. Uma linda foto do meu rosto pendurada na parede, rosas vermelhas no caixão. É imprescindível que eu seja enterrada com batom vermelho: escrevo aqui para que não se esqueçam.

Quero ser uma verdadeira vilã: amada ou odiada, mas nunca esquecida. Jamais esquecida. A maior parte da pesquisa sobre vilania acontece nesses momentos de devaneio. Não apenas me permito pensar as coisas mais arrogantes e megalomaniacas possíveis, como destilo cada idéia, tirando-as do campo da ficção para poder entender essa personagem que toma conta de mim.

Vivo uma telenovela. Sou a roteirista, diretora e protagonista.

No segundo vídeo introduzo a minha vilã. Escancarar meu desejo de aparecer. Segundo princípios vilanesco, não devo ter pudores em ser exibida. Assim como novela se entremeia com realidade e a vilã se entremeia na minha vida, desejo me entremear, me infiltrar no imaginário de quem me assiste. A linguagem do vídeo é perfeita para que esse plano dê certo.

Colocar o próprio corpo como matéria artística da obra lhe confere um status de locus da obra, despertando interesse por sua personalidade, biografia e ato criador. (SARZI-RIBEIRO, Regilene. 2014, p. 4)

Quero ser vista e que ao me verem, queiram mais; que não consigam parar de olhar, curiosos sobre quem é essa que aparece na tela. Escolhi fazer videoarte por ser uma linguagem na qual a autorreferencialidade é um aspecto recorrente, principalmente nas produções de mulheres videoartistas. Não é estática que nem a fotografia, nem efêmera como a performance. É um híbrido-reliquia de um momento íntimo entre eu e a câmera que me filma, que depois se transforma no olhar de cada um que assista. Vídeos são pedras preciosas em uma caixinha de jóias: sempre ali para poderem acessar quantas vezes quiserem, manipularem da forma que for. Oferendas da minha imagem, deliberadamente exposta para que consumam. Tudo que desejo em troca é que me venerem.

A vilã é uma corporeidade que me auxilia a atravessar o mundo com mais confiança e certeza. Enganar e manipular são uma diversão, brincar com o fogo é um prazer. Os limites são tênues e preciso ter cuidado. Quando a maldade ultrapassa as barreiras, tendo a me sentir culpada. Odeio me sentir culpada, por que a culpa é algo que a vilã não pode se permitir sentir. Ela atua em outro campo moral, porque teve que inventar as regras do seu mundo.

Me sinto cotidianamente violentada pelos atravessamentos que ocorrem nas dinâmicas do olhar. Entender que nunca terei controle sobre esses atravessamentos, me trouxe a liberdade para performar. Os homens na rua não param de me olhar nunca. Se é pra ser assim, quero câmeras ao meu redor. Quero ser exibida em todas as televisões, ter meu rosto estampado em um outdoor gigante, paparazzis me seguindo. Se vocês querem ver, pois olhem bem e prestem atenção. Quero ser traiçoeira, me infiltrar. A vilã já tem seu lugar consolidado no imaginário, não preciso quebrar com essa estrutura que todos conhecem e amam consumir. Vou penetrar através dela: habitar a vilã, exercer a vilã.

Não importa mais que olhem. Trabalham para mim agora.

Com isso em mente, realizei a performance para o segundo vídeo: o *lip sync*, ou dublagem, da canção *La Tirana*, composição de La Lupe. Performada, nessa versão, por Soledad Bravo, minha cantora favorita. O ato de dublar acentua a falsidade, característica intrínseca de uma mulher perversa. É uma grande enganação.

A letra dessa música fala sobre como a vilã é construída a partir da visão de um outro, do que um outro diz, das narrativas que dissemina. Quando estava na escola, as meninas costumavam dizer que uma vez que você adquire uma reputação negativa, é praticamente impossível livrar-se dela.

Para mi es indiferente lo que sigas comentando:
se querem que eu seja a vilã, que assim seja.

Pensando em vários pontos de vista, reuni o máximo de dispositivos que tinha em mãos para filmar a dublagem. Foram cinco: dois computadores, uma câmera portátil, um celular e a mini-câmera espiã que comprei da China. No escritório do meu avô em *Venevisión*, na frente da mesa, tem uma parede de televisores, todos ligados no mesmo canal. A ideia de múltiplas transmissões, todas sintonizadas na mesma imagem, é o fio condutor estético desse vídeo.

Para performar, tenho um ritual: me maquio e me visto bem chique, como se fosse sair. Batom vermelho, brincos de ouro, meu vestido de oncinha e a bolsa de pele de cobra falsa, tão falsa quanto eu. Preciso me transformar navilã, porque fazer arte deve ser fazer maldade. Arrumada e perfumada, me coloco no cenário, ligo as câmeras e dou play na música. Esse é meu momento de brilhar.

No processo de montagem, o primeiro que fiz foi selecionar os cortes em que eu olhava diretamente para cada câmera. Esses momentos foram agrupados, ocupando o plano de fundo. Sobre esse fundo, estão os outros quatro vídeos, que alternam as posições conforme o ritmo da música, provocando o olhar a se movimentar para acompanhar essas mudanças.

É difícil conquistar o comprometimento do olhar. E eu exijo ser vista e ouvida até o fim.



Figura 11



Figura 12



Figura 13



Figura 14

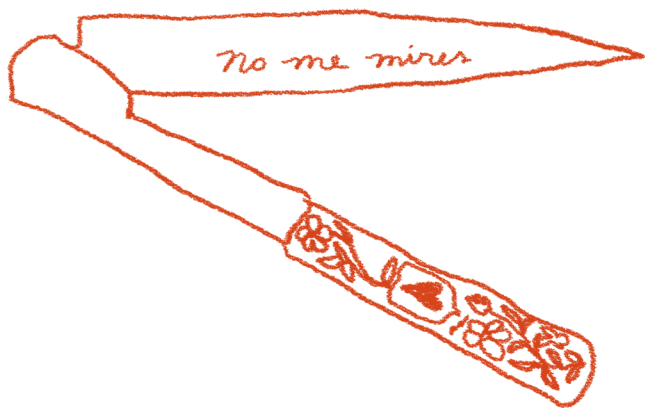


Figura 15

... Agora sou
tudo que quero

Se vocês pensam que vão me derrotar, estão muito enganados. Sou mais traiçoeira e perversa que todos vocês. A maldade de homens medíocres jamais poderá se equiparar a minha.

Eu sou a detentora do poder, um poder que nunca poderão tocar, porque para obtê-lo tive que atravessar o inferno que vocês mesmos criaram e do qual fogem obsessivamente. A substância que falta para que a maldade de vocês triunfe é de impossível acesso aos seus corpos débeis. É evidente que são reféns da vilania que pensam outorgar.

Não tenho o desejo de conquistar nada. Minha única motivação é tratar de dismantelar a trama que faz com que se creiam tão especiais. Preciso que vejam o quão patético são. Que não tenham a petulância de acreditar que me fizeram má. O império de mentiras que ergueram para me controlar revela a terrível ameaça que represento... E provocar tanto medo em quem me quer destruir é como saborear um néctar doce e perfumado.

Chegou o tempo em que padecerão perante sua própria mesquinhez. Pouco a pouco vão deixar de existir e mesmo que me matem, jamais desfrutarão de uma vida com a minha.

Por todas as vezes que me castigaram, por todas as mentiras que cravaram ao meu redor. Por todas, por todas, por todas: os maldigo. Malditos sejam!

Quero assombrar eternamente a todos os que passem por mim, que nunca se esqueçam do meu rosto, que tremam ao recordar-me.

Que me vejam e saibam: foi ela.

Não estou aqui para ser boazinha. Desde o início era imperativo para mim que a pesquisa não se tratasse apenas de tecer pensamentos sobre o que já está dado, mas também buscar maneiras de competir com a narrativa hegemônica. Na primeira parte, mostrei o que dizem que sou. Agora vão ver meu verdadeiro poder, enquanto se deparam com sua própria, indelével mediocridade.

A existência da vilã é paradoxal. Por um lado, ganha grande importância e protagonismo na narrativa do mundo: ela comanda e direciona as tramas. No entanto, sua presença só é tolerada para ser o mau exemplo: precisam domá-la de alguma maneira, porque jamais conseguiram destruí-la. Assim acontece uma batalha simbólica, reforçada incansavelmente ao longo do tempo. O arquétipo da mulher selvagem foi incorporado ao imaginário coletivo passando pelo crivo dos homens, que fizeram o árduo trabalho de demonizar e restringir ao máximo qualquer manifestação dessa força.

A tradição judaico-cristã chamou-a de Lilith. A primeira mulher, indômita, que não se dobrou a homem ou deus. E foi expulsa do paraíso, lançada ao deserto. Para ser substituída por Eva, dócil, complacente e subserviente. Mas Eva não é perfeita, ela também desobedeceu, nos amaldiçoando eternamente. Nenhum dos arquétipos femininos no cristianismo estão livres de culpa. É impossível chegar a ser o que nos pedem, somos lançadas a um labirinto sem saída. Performar Eva é o mínimo que se pode fazer; não questionar, apenas obedecer.

Por isso, a vilã é sempre castigada, enquanto a mocinha é recompensada pelo bom comportamento, ganhando o único que lhe é permitido almejar: casamento. O destino da vilã não pode ser nenhum senão a morte e os roteiristas de novela capricham, elaborando finais com requintes de crueldade.



Figura 16



Figura 17



Figura 18



Figura 19



Figura 20



Figura 21

O castigo da vilã é um aviso para que não tentem desobedecer. Esse é o destino que aguarda a todas que ousem vislumbrar algo que não a falácia do “felizes para sempre.” Mas afinal, o que faz a vilã de tão pérfido?

Todos os defeitos de uma vilã, quando transpostos para personagens masculinos, se tornam virtudes: ambição, autoconfiança, espírito de liderança, pulso firme, liberdade sexual. Enquanto o vilão não passa de um tolo narcisista e megalomaníaco que acha que pode conquistar e destruir o mundo, a vilã representa um mal mais perigoso, que nos observa a todo tempo, esperando a chance perfeita para atacar. De início, seu único desejo é poder existir. Ninguém permite que isso aconteça, boicotam e tramam contra ela, isolando-a e levando-a à loucura, até um ponto em que ela passa a querer destruir tudo o que lhe foi negado. Todos são viciados em vigiar cada passo e atitude da vilã, para depois fofocar entre si. Esse fenômeno não acontece apenas dentro da trama, mas também quando a novela provoca no público a catarse. Nesse momento a barreira entre realidade e ficção se torna tênue e o telespectador passa a vivenciar os dramas da narrativa e a conviver com os personagens como se fossem membros da família. Atrizes que interpretaram vilãs relatam agressões sofridas em decorrência da desaprovação do público em relação a suas personagens, que vão desde olhares feios até ameaças de morte.

As transgressões da vilã refletem todos os desejos frustrados das outras personagens da trama e da sociedade. Essas personagens são tão superficiais, egoístas, autocentradas e dramáticas quanto a vilã, porém sempre atuam no espectro da normatividade. O mal do mundo é projetado sobre uma única mulher. Ela tem o peso de carregar o estigma de tudo que há de pior, enquanto os outros passam impunes com atitudes similares: mentira, manipulação, chantagem e ganância.

O paradoxo da vilã evidencia a ameaça que ela representa. Isso jamais conseguirá ser escondido, é aí que se encontra seu verdadeiro poder. O grande esforço em diminuí-la acaba por engrandecê-la. A vilã aprendeu a se alimentar do implacável boicote e silenciamento que infringem a ela e o deserto-prisão no qual ela transita é de impossível acesso a seus algozes. Eles sabem, temem e trabalham sem parar para mantê-la sob controle.

Mas ela transborda. Ela existe.

O terceiro vídeo é uma maldição para todos os que querem me destruir. Feitiço-vingança inquebrável que propõe uma nova jornada da vilã, uma que sempre resulta em sua intransponível vitória.

Encontrei no *Youtube* compilações dos castigos mais icônicos que já aconteceram nas telenovelas. Mais uma vez, o trabalho da edição foi elaborar a justaposição entre o texto que escrevi, a música de fundo (que roubei da trilha sonora da novela *Rubi*) e as cenas recortadas das compilações. Ao me apropriar dessas imagens, articulando-as com a maldição, ressignifico o destino da vilã. Olhem atentamente toda a crueldade que pregam. A vingança será devolver em dobro pra todos meus inimigos.

Independente do fim, fico tranquila com a certeza de que já vivem vidas infelizes e amaldiçoadas.



Figura 22



Figura 23



Figura 24



Figura 25



Figura 26

Tantas veces sentada ante ese espejo.
Tantas veces llorando ante la misma escena.
Tantas noches y tantas tardes enfrentada
a o que le devolvía la pantalla. Era ella
misma y al mismo tiempo lo que no era.

Gabriela Rojas

Mujeres de Telenovela, La otra en el espejo (2013)

Quando eu era criança gostava de me encarar no espelho e ir pouco a pouco transfigurando minha expressão para a de um demônio raivoso, arqueando as sobrancelhas e franzindo o nariz para mostrar os dentes em um sorriso. Eu sustentava o olhar o máximo que podia, em silêncio, me aproximando do reflexo. Quando já não reconhecia meu próprio rosto, tinha que parar, por medo de ter poderes mágicos e acabar presa dentro do espelho. Vislumbrava algo no olhar da eu-outra, uma faísca presságio -- convite para entrar.



Figuras 27 e 28: Cenas da novela *La Mujer en el Espejo* (2004)

Em *Mujeres de Telenovela: La otra en el espejo* (2013), Gabriela Rojas, traça um paralelo entre telenovela e o espelho mágico, elemento herdado dos contos de fada, como ponto de partida para investigar a construção da dualidade vilã-mocinha e como essa construção colabora para reforçar o papel social da mulher na cultura patriarcal. A partir da leitura desse texto, comecei a criar o último vídeo; assim, pretendo dialogar com citações de Rojas que foram as provocações incendiárias desse processo.

O espelho não é uma metáfora para a vilã. É um dispositivo de sobrevivência, onde ela habita, banida e oculta. Só quem pode vê-la é o corpo que a carrega, se olhar com atenção. O esconderijo perfeito, que possibilita a única correspondência entre as duas partes, que consegue escapar do controle de mãos pegajosas. É um dispositivo perigoso e um símbolo maldito. Na história da Branca de Neve, a rainha má sucumbe perante seu próprio narcisismo e vaidade, ao se deparar com uma Outra, mais bela e jovem, fazendo de tudo para destruí-la. As duas não podem coexistir e travam uma batalha até a morte.

A confrontação de duas mulheres é um recurso dramático inevitável (ROJAS, Gabriela. 2013, p. 180)

Não me interessa confrontar-me com outra mulher senão com a Outra que reside em mim. A armadilha da rivalidade feminina é elaborada, construída minuciosamente, constantemente refeita e recolocada no meu caminho. Para contorná-la, devo me atrever a desobedecer, encarar meu reflexo até trocar de lugar e habitar o espelho. Nesse atravessamento, todas as personagens da minha novela se invertem, para tomar suas verdadeiras posições.

Agora, eu e uma Outra não nos olhamos fixamente; porque encaramos, *juntas*, a um terceiro.

No último vídeo, desejo selar a maldição lançada. A música é cantada por mim em duas vozes, representando a existência das duas em mim, que reiteram juntas a escolha de ser má. É quase um mantra: cíclico e hipnotizante. Em contraponto a primeira parte do trabalho, de intenso bombardeamento de imagens e sobreposições, decidi usar uma única tomada, quase sem cortes.

Gravei o vídeo com a mini-câmera espiã, que tem o recurso de infravermelho, deixando a imagem arroxeadada e ressaltando o brilho dos meus olhos. Tomo o controle sobre aquele aparelho que usam para me espionar.

Desafio meus inimigos a me encararem de volta: vamos ver quem sustenta o olhar por mais tempo.



Figura 29



Figura 30

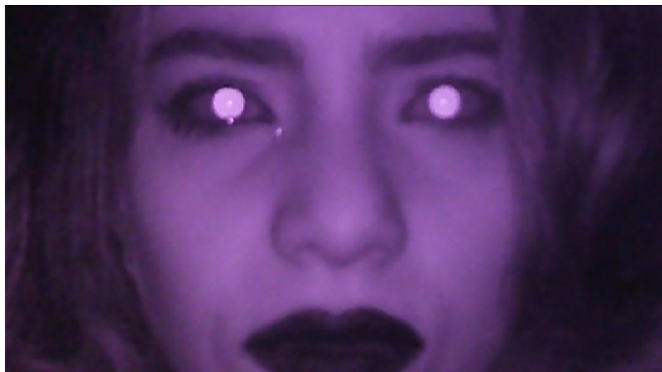


Figura 31

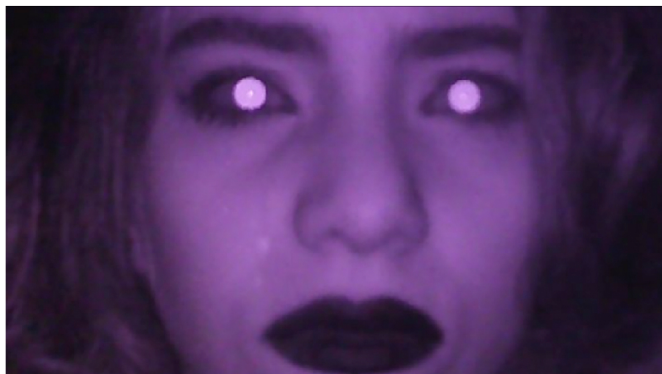


Figura 32



Figura 33

Conclusão

O que foi que eu fiz? -- Essa pergunta paira sobre minha cabeça como uma névoa densa e misteriosa.

Encarar o que escrevi me faz sentir numa espécie de ressaca, como se tivesse falado demais sobre mim mesma na noite passada, importunando todos com histórias irrelevantes. A alternância entre eu e uma Outra, inevitável durante esse processo, fez as vozes se misturarem de tal forma que não consigo mais discernir de onde vieram, nem para onde vão.

Enquanto faço uma pausa para fumar, sou acometida por um mal súbito. As unhas vermelhas segurando o cigarro são um gatilho para que a vilã apareça e me transporte outra vez para a fronteira com o desconhecido. A forma como conduzi essa investigação, guiada pelos desejos, intuitivamente e sem pretensão de encontrar respostas, me fez visitar tantas vezes esse território fronteiriço, que a sensação de estar aqui já não me parece estranha.

Não enxergo um vazio sem contornos, mas um tecido sensível que responde a minhas provocações. O que fiz nesse trabalho foi reunir os registros da repercussão do meu corpo em interação com essa trama. Arrebatada para o desconhecido, só com uma câmera na mão, gravei o que pude desse passeio imprevisível, cheio de buracos dentro de buracos.

Não trago respostas e não sei aonde estou, apenas que cheguei em outro lugar. O que ofereci aqui é um fio que guia o visitante pelo caminho que percorri, para que também se entrelaça e se perca, costurando mais uma camada desse tecido-investigação.



Figura 34

Referências

ROJAS, Gabriela. **Mujeres de Telenovela: La otra en el espejo**. Revista Venezolana de Estudios de La Mujer, julho/dezembro 2013. Vol. 18/nº41, p.175-188. Universidad Central de Venezuela.

SARZI-RIBEIRO, Regilene. **O corpo no vídeo e o corpo do vídeo: diálogos estéticos, arte eletrônica**. Poiésis, Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes, 2014. Vol. 15/nº23. Universidade Federal Fluminense.

Vídeos citados:

VEVISION50. **Villanas de la Televisión**. 2011. (4m04s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VliXxkQjQws&t=3s>>. Acesso em: 23/03/2019.

BEST VIDEOS. **El Castigo de las Villanas en Telenovelas 1**. 2016. (12m37s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3Nl40Guwcre>>. Acesso em: 03/05/2019.

Músicas citadas:

BRAVO, Soledad. **La Tirana**. Composição: La Lupe. Mundo Digital USA. Caracas, Venezuela. In: *La Tirana*, faixa 14. Remasterizado em digital.

Lista de Imagens

- Capa:** *Perlas*, desenho digital. Laura Fraiz, 2019.
- Figura 01:** *Chicote*, desenho digital. Laura Fraiz, 2019.
- Figura 02:** *La villana*, fotografia. Laura Fraiz, 2019.
- Figura 03:** Montagem das respostas do Instagram.
- Figuras 04 a 07:** Frames do vídeo *No Quiero Dejar de Ser Mala - Parte 1*. Duração: 05'53". Laura Fraiz, 2019.
- Figura 08:** *Manorosa*, desenho digital. Laura Fraiz, 2019.
- Figuras 09 e 10:** Printscreens retirados do vídeo *Cuna de Lobos - Gran Final Catalina Creel*, 2018. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=X_W5WBCDqe0 >. Acesso em: 24/05/2019.
- Figuras 11 a 14:** Frames do vídeo *No Quiero Dejar de Ser Mala - Parte 1*. Duração: 05'53". Laura Fraiz, 2019.
- Figura 15:** *Cuchillo*, desenho digital. Laura Fraiz, 2019.
- Figuras 16 a 21:** Printscreens do vídeo *El Castigo de las Villanas en Telenovelas *1**, 2016. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=3Nl40Guwcre&t=2s> >. Acesso: 12/05/2019.
- Figuras 22 a 25:** Frames do vídeo *No Quiero Dejar de Ser Mala - Parte 2*. Duração: 07'39". Laura Fraiz, 2019.
- Figura 26:** *Te mato*, desenho digital. Laura Friz, 2019.
- Figuras 27 e 28:** Printscreens retirados do vídeo *La Mujer en el Espejo Juliana se convierte en Maritza*, 2014. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=T90f5UWWSXE> >. Acesso em: 04/06/2019.

Figuras 29 a 32: Frames do vídeo *No Quiero Dejar de Ser Mala - Parte 2*. Duração: 07'39". Laura Fraiz, 2019.

Figura 33: *Taza*, desenho digital. Laura Fraiz, 2019.

Figura 34: *Diamanty*, desenho digital. Laura Fraiz, 2019.

Figura 35: *Rosa*, desenho digital. Laura Fraiz, 2019.



Figura 35

Para mi abuela Mary

